

Coleção  
Educação Literária

# O Gigante Egoísta e O Príncipe Feliz

Oscar Wilde

Leitura  
obrigatória  
no 4.º ano  
de escolaridade



# O PRÍNCIPE FELIZ

## O Príncipe Feliz

Lá muito acima da cidade, numa alta coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz. Era todo revestido de finas folhas de ouro e tinha por olhos duas brilhantes safiras; no punho da sua espada cintilava um enorme rubi. Era por todos muito admirado.

– É belo como um cata-vento – observou um dos membros do Conselho da Cidade, que pretendia passar por um homem de bom gosto artístico. – Só não é tão útil – acrescentou logo, com receio de que o tomassem por homem pouco prático, o que de facto não era.

– Porque não és tu como o Príncipe Feliz? – perguntou um dia uma mãe ao filho que lhe pedia a Lua, chorando. – O Príncipe Feliz nunca se lembraria de chorar por coisa nenhuma.

– Ainda bem que há no mundo quem seja inteiramente feliz – murmurou um homem desiludido, ao contemplar a admirável estátua.

– Parece mesmo um anjo – diziam os meninos das casas de caridade ao saírem da Catedral com as capas de vivo escarlate e os bibes muito brancos.

– Como o sabeis? – observou o professor de Matemática –, nunca vistes nenhuns.

© Editora Littera e o Príncipe Feliz © Peter Dinklage



– Ah! Temo-los visto em sonhos – responderam as crianças. E o professor franziu o sobrolho e tomou um ar severo, porque não aprovava que as crianças sonhassem.

Uma noite, voou por cima da cidade uma Andorinha. As suas amigas tinham partido para o Egito havia seis semanas; ela, porém, deixara-se ficar, enamorada como estava de um junco formoso. Conhecera-o nos princípios da primavera, no momento em que descia o rio atrás de uma grande borboleta amarela, e por tal forma se sentiu atraída pela sua cintura esbelta que parou para falar com ele.

– Queres que eu te ame? – perguntou a Andorinha, que não gostava de perder tempo com rodeios.

E o Junco fez-lhe uma profunda vência. Voou, então, repetidas vezes à roda dele, tocando a água com as pontas das asas e produzindo mil ondulações de prata. Era este o seu modo de lhe fazer a corte, e prolongou-se por todo o verão.

– Que ligação tão ridícula! – chilreavam as outras andorinhas. – Ele não tem dinheiro e tem muitos parentes.

E, na realidade, o rio estava cheio de juncos.

Então, quando o outono chegou, todas as andorinhas se foram embora. Depois de elas partirem, a Andorinha começou a sentir-se muito só e a enfasiar-se do seu amado.

– O Junco não sabe conversar – disse ela – e receio que seja um pouco leviano, porque está sempre a requestar a brisa.

E, de facto, sempre que a brisa soprava, o Junco fazia-lhe as mais graciosas cortesias.

– Reconheço que é caseiro – continuou –, mas eu adoro as viagens e o meu esposo deve, por consequência, gostar de viajar também.

– Queres vir comigo? – perguntou-lhe, por fim.

Mas o Junco abanou a cabeça; era demasiado apegado ao seu lar para poder segui-la.

– Tens andado a brincar comigo – disse ela. – Vou partir para as Pirâmides. Adeus!

E começou a voar. Voou o dia inteiro e à noite chegou à cidade.



– Onde hei de instalar-me? – pensou. – A cidade deve estar preparada para me receber.

E viu então a estátua do Príncipe Feliz sobre a alta coluna.

– Vou instalar-me ali – murmurou. – Esplêndida situação e muito ar.

E foi pousar entre os pés do Príncipe Feliz.

– Tenho um quarto dourado – disse baixinho para consigo, enquanto olhava em redor e se preparava para dormir. Mas no momento preciso em que ia meter a cabecita debaixo da asa, caiu-lhe em cima uma grande gota de água.

– É extraordinário! – exclamou. – Não há uma só nuvem no céu, as estrelas cintilam e, contudo, está a chover! O clima do Norte da Europa é realmente horrível. O Junco gostava de chuva, mas era apenas por egoísmo.

Então, caiu uma nova gota.

– Para que serve uma estátua – disse –, se não é capaz de proteger da chuva? Tenho de procurar uma boa chaminé.

E dispunha-se a levantar voo. Mas, antes de abrir as asas, uma terceira gota caiu. Levantou os olhos e viu... Ah! Que viu ela? Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas, e lágrimas lhe banhavam as faces de ouro. Tão belo era o seu rosto, batido pelo luar, que a Andorinha sentiu-se cheia de compaixão.

– Quem és tu? – perguntou-lhe.

– Sou o Príncipe Feliz.

– Porque choras, então? Encharcaste-me por completo.

– Quando eu era vivo e tinha um coração humano – respondeu a estátua – não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no palácio de “Sans-Souci”, onde é vedado o acesso à dor. De dia brincava com os meus companheiros no jardim e à noite dirigia a dança no grande salão de baile. O jardim era cercado por um muro muito alto, mas eu nunca pensei em perguntar o que estava para além dele. Tudo em meu redor era belo. Os meus cortesãos chamavam-me Príncipe Feliz, e eu era feliz, de facto, se o prazer é felicidade. Assim vivi e assim morri. E agora, que estou morto, colocaram-me nesta coluna, tão alto que posso ver toda a fealdade e miséria da minha cidade; e, embora o meu coração seja de chumbo, não posso deixar de chorar.



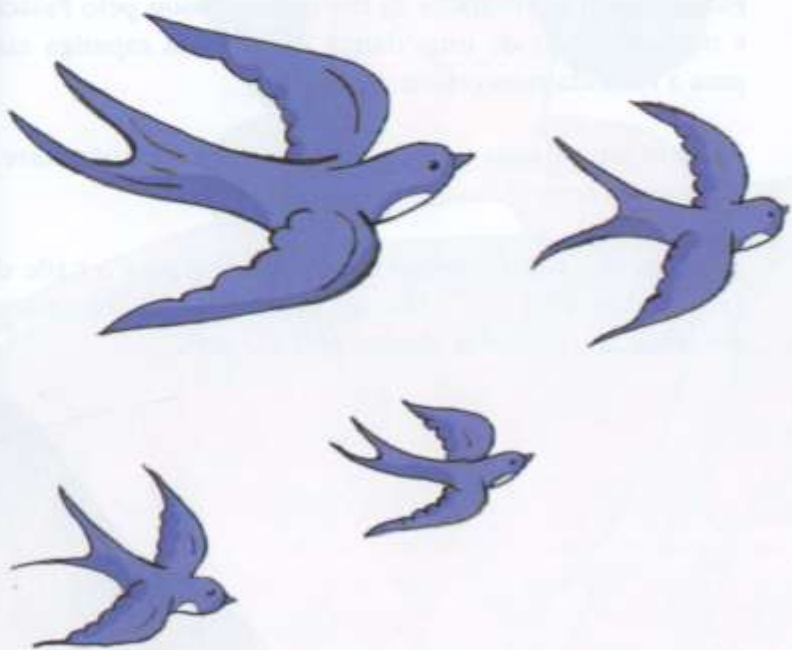
- Quê! Ele não é de ouro maciço? - disse consigo mesma a Andorinha, que era suficientemente educada para não fazer observações pessoais em voz alta.

- Lá longe - continuou a estátua numa voz baixa e musical -, numa pequena rua, há uma casa pobre. Uma janela está aberta e por ela vejo uma mulher sentada à mesa; tem as faces magras e cansadas, e as mãos vermelhas e feridas da agulha, pois é costureira. Está a bordar flores de martírio num vestido de cetim que a mais bela dama de honor da rainha há de vestir no próximo baile da Corte. Num leito, a um canto do quarto, está o seu filho doente; tem febre e pede laranjas. A mãe nada tem para lhe dar além de água do rio, e por isso ele chora. Andorinha, Andorinha, querida Andorinha, queres tu levar-lhe o rubi do punho da minha espada? Os meus pés estão soldados a este pedestal e não posso mover-me.

- Esperam-me no Egito - respondeu a Andorinha. - As minhas amigas andam a voar pelo Nilo e a conversar com as grandes flores-de-lótus; em breve irão dormir no túmulo do Grande Rei. O próprio Rei está lá ainda no seu caixão colorido, envolto em linho amarelo e embalsamado em especiarias. Ao pescoço tem um colar de jade verde pálido e as suas mãos são como folhas secas.

- Andorinha, Andorinha, querida Andorinha - disse o Príncipe -, não queres permanecer comigo só uma noite e ser a minha mensageira? O pequenito arde de febre, e a mãe está tão triste!

- Eu não simpatizo com os rapazes - replicou a Andorinha.  
- No verão passado, quando voava pelo rio, havia dois rapazes malcriados, os filhos do moleiro, que estavam sempre a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram porque nós, as andorinhas, voamos muito bem; demais, eu descendo de uma família famosa pela sua agilidade; contudo, era uma falta de respeito.





Mas o Príncipe ficou tão triste que a Andorinha teve pena.

– Aqui está muito frio – disse ela. – No entanto, permanecerei contigo uma noite, e serei a tua mensageira.

– Muito obrigado, querida Andorinha – disse o Príncipe.

A Andorinha arrancou então da espada do Príncipe o grande rubi, levando-o no bico por cima dos telhados da cidade. Voou junto da torre da Catedral, onde estavam esculpidos anjos brancos de mármore. Passou pelo Palácio e ouviu os sons de uma dança. Uma linda rapariga saiu para a varanda com o namorado.

– Como são belas as estrelas – disse-lhe ele – e quão forte é o poder do amor!

– Espero que o meu vestido esteja pronto para o baile de gala – respondeu ela. – Mandei que lhe bordassem martírios; mas as costureiras são tão preguiçosas!

Atravessou o rio e viu as lanternas que pendiam dos mastros dos navios. Passou sobre o Gueto e observou os velhos judeus negociando entre si e pesando dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e espreitou. O pequenito agitava-se febrilmente no leito e a mãe tinha adormecido de fadiga. Entrou e colocou o grande rubi sobre a mesa, ao lado do dedal. Depois voou docemente à roda da cama do pequenito, refrescando-lhe a fronte com as asas.

– Como me sinto fresco! – disse o pequeno. – Devo estar muito melhor.





E caiu num sono delicioso.

A Andorinha voltou para junto do Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito.

– É curioso! – observou. – Agora sinto calor, apesar de estar tanto frio.

– É porque praticaste uma boa ação – respondeu o Príncipe.

E a Andorinha começou a pensar e adormeceu. Pensar fazia-a sempre dormir. Ao romper do dia, voou para o rio e tomou um banho.

– Que fenómeno tão raro! – disse o professor de Ornitologia que passava na ponte. – Uma andorinha no inverno!

E escreveu uma longa carta para a gazeta local sobre o assunto. Toda a gente a citava porque estava cheia de palavras que ninguém compreendia.

– Esta noite parto para o Egito – disse a Andorinha, muito alegre com essa perspectiva.

Visitou todos os monumentos públicos e esteve muito tempo pousada no cimo do campanário da igreja. Por onde quer que passava, chilreavam os pardais uns para os outros:

– Que estrangeira tão distinta!

E isso dava-lhe muito prazer. Quando a Lua nasceu, voltou para junto do Príncipe Feliz.

– Tens algum recado para o Egito? – perguntou. – Vou partir agora mesmo.

– Andorinha, Andorinha, querida Andorinha – disse o Príncipe –, não queres passar mais uma noite comigo?



– Esperam-me no Egito – respondeu a Andorinha. – Amanhã as minhas amigas voarão para a Segunda Catarata. É ali que o Hipopótamo se deita entre os juncais e o deus Memnon se senta num grande trono de granito. Toda a noite contempla as estrelas e, quando desponta a estrela da manhã, solta um grito de alegria e emudece de novo. Ao meio-dia leões fulvos descem à margem do rio para beber. Os seus olhos são verdes como os berilos e o seu rugido é mais forte que o rugido das cataratas.

– Andorinha, Andorinha, querida Andorinha – disse o Príncipe –, longe, muito longe, vejo um jovem numas águas furtadas. Está debruçado sobre uma mesa cheia de papéis e num copo, a seu lado, há um ramo de violetas murchas. O seu cabelo é castanho e ondulado, os seus lábios são vermelhos como a romã e tem uns olhos grandes e sonhadores. Tenta acabar uma peça para o diretor do teatro, mas está muito frio para escrever mais. Não há lenha no fogão e a fome fá-lo desfalecer.

– Ficarei contigo mais uma noite – disse a Andorinha, que tinha realmente um bom coração. – Queres que lhe leve outro rubi?

– Ai! Já não tenho mais rubis – disse o Príncipe Feliz. – Só me restam os meus olhos. São duas raras safiras há mil anos trazidas da Índia. Arranca-me um deles e leva-lho. Ele vendê-lo-á a um joalheiro, comprará comida e lenha e acabará a sua peça.

– Querido Príncipe – disse a Andorinha –, não posso fazer semelhante coisa.

E pôs-se a chorar.

– Andorinha, Andorinha, querida Andorinha – disse o Príncipe –, faz o que te mando.

Então a Andorinha arrancou um dos olhos do Príncipe e voou em direção às águas-furtadas onde vivia o Estudante.





Era muito fácil entrar lá por um buraco do telhado. Passou por ele e penetrou no quarto. O Estudante tinha a cabeça enterrada nas mãos e não ouviu o sussurro das asas da ave. Quando ergueu os olhos, encontrou a formosa safira sobre as violetas murchas.

Ilustração: Mariana e o Príncipe Feliz e a Andorinha



– Começo a ser apreciado – exclamou. – Isto deve vir de algum grande admirador. Agora já posso acabar a minha peça – e sentiu-se muito feliz.

No dia seguinte, a Andorinha desceu ao porto. Pousou no mastro de um grande navio e viu os marinheiros tirarem grandes arcas do porão por meio de cordas. “Upa acima!” – gritavam eles, a cada arca que subia.

– Vou para o Egito – disse a Andorinha.

Mas ninguém lhe prestou atenção, e quando a Lua nasceu voltou para junto do Príncipe Feliz.

– Venho dizer-te adeus – exclamou.

– Andorinha, Andorinha, querida Andorinha – disse ele –, não queres ficar mais uma noite comigo?

– É inverno – retorquiu ela – e a fria neve em breve chegará aqui. No Egito o sol é quente sobre as palmeiras verdes e os crocodilos estendem-se no lodo, olhando em volta, preguiçosamente. As minhas companheiras constroem um ninho no Templo de Baalbec e as pombas brancas e cor-de-rosa seguem-nas com a vista e arrulham entre si. Tenho de te deixar, querido Príncipe, mas nunca te esquecerei. Na próxima primavera hei de trazer-te duas lindas joias em lugar daquelas de que te desfizeste. O rubi será mais rubro que uma rosa vermelha e a safira será azul como o mar imenso.

© Ilustração: Mariana e o Príncipe Feliz e a Andorinha



– Lá em baixo na praça – disse o Príncipe Feliz – está uma rapariguinha que vende fósforos. Deixou-os cair na valeta e estragaram-se; o pai bater-lhe-á se não lhe levar para casa algum dinheiro, e por isso ela chora. Não tem sapatos nem meias. Arranca-me o outro olho e leva-lho, e o pai não lhe baterá.

– Ficarei contigo mais uma noite – disse a Andorinha –, mas não posso arrancar-te o outro olho. Ficarias completamente cego.

– Andorinha, Andorinha, querida Andorinha, faz o que te mando – disse o Príncipe.

A Andorinha arrancou-lhe então o outro olho e partiu com ele. Ao passar junto da rapariga, deixou-lhe cair a joia na palma da mão.

– Que bonito pedaço de cristal! – exclamou ela, e correu para casa, muito contente.

A Andorinha voltou para junto do Príncipe.

– Agora estás cego – disse ela – e ficarei contigo para sempre.

– Não, querida Andorinha – respondeu ele –, tens de partir para o Egito.

– Ficarei sempre contigo – disse a Andorinha; e adormeceu aos pés do Príncipe Feliz.





Todo o dia seguinte esteve pousada no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias que tinha visto em terras estranhas. Falou-lhe dos íbis-vermelhos que param em longas fileiras pelas margens do Nilo e apanham com o bico peixes encarnados; da Esfinge, que é tão velha como o mundo, que vive solitária no deserto e tudo sabe; dos mercadores que caminham vagorosamente ao lado dos seus camelos e trazem nas mãos contas de âmbar; falou-lhe do Rei das Montanhas da Lua, que é preto como o ébano e adora um enorme cristal; da grande serpente verde, que dorme numa palmeira e que vinte sacerdotes alimentam com bolos de mel; e dos pigmeus, que navegam num grande lago, embarcados em largas folhas, e andam sempre em guerra com as borboletas.

– Tu contas-me coisas maravilhosas, querida Andorinha! – disse o Príncipe Feliz –; mas ainda mais maravilhoso que tudo é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há mistério algum tão grande como a Miséria. Voa sobre a minha cidade, Andorinha, e diz-me o que lá vês.

Então, a Andorinha sobrevoou a grande cidade e viu os ricos a divertirem-se nas suas moradias sumptuosas e os pobres sentados aos portões. Voou até ruelas escuras e viu as faces pálidas de crianças que morriam de fome, olhando distraídas para as ruas sombrias. Debaixo do arco de uma ponte estavam deitados dois rapazitos, abraçados um ao outro para se aquecerem.



– Temos tanta fome! – diziam eles.

– Não podem estar aqui! – disse-lhes o Guarda; e eles saíram para a chuva.

A Andorinha voltou para junto do Príncipe e disse-lhe o que vira.

– Eu estou coberto de fino ouro – disse ele. – Tens de tirá-lo folha a folha e dá-lo aos meus pobres. Os vivos cuidam sempre que o ouro pode fazê-los felizes.

Folha após folha de fino ouro arrancou a Andorinha, até que o Príncipe ficou todo feio e negro. Folha após folha de fino ouro levou aos pobres, e as faces das criancinhas ganhavam cor e elas riam e brincavam nas ruas.

– Agora temos pão – diziam elas.

Por fim, chegou a neve e, depois da neve, o gelo. As ruas estavam tão brancas e brilhantes que se diriam feitas de prata. Compridos pingentes, como adagas de cristal, pendiam dos beirais dos telhados; toda a gente se vestia de peles, e os rapazinhos, com os seus barretes escarlates, patinavam no gelo. A pobre Andorinha tinha cada vez mais frio, mas não queria abandonar o Príncipe que tanto amava. Apanhava migalhas à porta do padeiro, quando ele não via, e procurava aquecer-se batendo as asas. Por fim, contudo, reconheceu que ia morrer. Mal teve forças para voar mais uma vez para os ombros do Príncipe.

– Adeus, querido Príncipe – disse baixinho. – Deixas-me beijar a tua mão?



– Ainda bem que partes, finalmente, para o Egito – disse o Príncipe. – Estiveste aqui muito tempo, mas é nos lábios que deves beijar-me, porque te amo muito.

– Não é para o Egito que eu vou – respondeu a Andorinha.  
– Vou para a Casa da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é verdade?

E, dizendo isto, beijou o Príncipe nos lábios e caiu morta a seus pés.

No mesmo instante, um estranho estalido soou dentro da estátua, como se alguma coisa se tivesse quebrado. E realmente o coração de chumbo tinha-se partido em dois. Estava, sem dúvida, um frio muito intenso.

Na manhã seguinte, o Presidente da cidade, em companhia dos Conselheiros, passeava na praça. Ao passarem pela coluna, olhou para a estátua e exclamou:

– Santo Deus! Que miserável aspeto tem o Príncipe!

– Que miserável aspeto, na verdade – exclamaram os Conselheiros, que eram sempre da opinião do Presidente. E subiram para observar a estátua.



– Caiu-lhe o rubi da espada; perdeu os olhos, e todo o ouro desapareceu – exclamou o Presidente. – Realmente, é pouco mais que um mendigo.

– Pouco mais que um mendigo – repetiram os Conselheiros.

– E até com um pássaro morto aos pés! – continuou o Presidente. – Temos de publicar um decreto proibindo as aves de viver e morrer aqui.

E o Secretário tomou nota da sugestão. E apearam então a estátua do Príncipe Feliz.

– Como já não é belo, já não é útil – disse o professor de História da Arte da Universidade.

Então fundiram a estátua num forno e o Presidente convocou uma assembleia da Corporação para decidirem o que havia de fazer-se com o metal.

– Temos de construir outra estátua, evidentemente – disse ele –, e será a minha.

– A minha – disseram todos os Conselheiros, e começaram e discutir.

Da última vez que ouvi falar deles, discutiam ainda.



- Que coisa tão estranha! - disse o capataz da fundição.  
- Este coração de chumbo não funde no forno. Temos de deitá-lo fora.

E arremessaram-no para um montão de lixo onde se encontrava também a Andorinha morta.

- Traz-me as duas coisas mais preciosas que houver na cidade - disse Deus a um dos seus Anjos; e o Anjo levou-lhe o coração de chumbo e a Andorinha morta.

- Escolheste bem - disse Deus. - No meu jardim do Paraíso esta avezinha cantará eternamente e na minha Cidade de Ouro o Príncipe Feliz adorar-me-á.

# Fim

